

A RESPONSABILIDADE E A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO AFETIVO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS

JABOTICABAL – SP

2013

LUCIANA APARECIDA VALERIANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação Lato sensu em Psicopedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Maria Helena Silveira

RESUMO

Esta pesquisa buscou demonstrar a importância da afetividade no desenvolvimento cognitivo da criança. Partiu-se do princípio de que o desenvolvimento cognitivo está paralelo ao desenvolvimento afetivo, ressaltando os aspectos da inteligência emocional e analisando formas de trabalhar a afetividade no ambiente de aprendizado. Ressaltou-se as maneiras de desenvolver a afetividade em sala de aula, o desenvolvimento da inteligência, finalizando com a importância da afetividade na aprendizagem, buscando mostrar que é indissociável ambos os aspectos, cognitivo e emocional, no desenvolvimento pleno do educando.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
-----------------	---

1 COMO DESENVOLVER A AFETIVIDADE EM SALA DE AULA	9
2 O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA.....	15
2.2 Biologia e Inteligência.....	17
3 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

Recentemente pesquisadores têm comprovado que o desenvolvimento cognitivo está paralelo ao afetivo, sendo ao mesmo tempo irredutíveis, indissociáveis e complementares no aluno. Denomina-se inteligência emocional, refere-se a um conjunto de capacidades emocionais e sociais. Conforme consulta eletrônica:

Afetividade é a relação de carinho ou cuidado que se tem com alguém íntimo ou querido. É o estado psicológico que permite ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser ou objetos. Pode também ser considerado o laço criado entre humanos, que, mesmo sem características sexuais, continua a ter uma parte de "amizade" mais aprofundada. Em psicologia, o termo afetividade é utilizado para designar a suscetibilidade que o ser humano experimenta perante determinadas alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. Tem por constituinte fundamental um processo cambiante no âmbito das vivências do sujeito, em sua qualidade de

experiências agradáveis ou desagradáveis. (WIKIPÉDIA, 2013).

Segundo Goulart (1996), para Piaget, são considerados quatro estágios ou fases pelas quais a criança constrói o seu conhecimento: Sensório motor de 0 a 2 anos, o trabalho mental e estabelecer relações entre as ações e as modificações que elas provocam no ambiente físico, exercício dos reflexos, manipulação do mundo por meio da ação. Ao final, constância / permanência do objeto; Pré operatório de 2 a 6 anos, desenvolvimento da capacidade símbolos mentais, ou seja, capacidade de imaginar palavras e imagens que representam objetos ausentes, explosão lingüística, características do pensamento dependente das ações externas; Operatório-concreto de 7 a 11 anos, capacidades de ação interna: operação, descentração, capacidade de classificação; Operacional-formal, posterior a 11 anos, a operação se realiza através de conceitos, o raciocínio com levantamento de hipóteses e realizações de deduções com todas essas habilidades de sair-se bem, com palavras e a independência do recurso concreto permite: ganho de tempo, aprofundamento de conhecimento e domínio da ciência da filosofia.

A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas tem funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados (Wallon apud Almeida, 1997, p.51).

A partir do momento em que a afetividade e a inteligência são integradas permite a criança a atingir níveis de evolução elevados. Por iguais razões o afeto tem papel significativo no desenvolvimento da inteligência, pois influi na construção do conhecimento de forma essencial através da busca pela excelência. Nesta, é necessário que o aluno seja um ser individual, ou seja, que construa seu mundo, espaço e conhecimento particular com sua afetividade, trabalhando suas percepções, expressões, críticas, imaginações, sentidos, etc.

A inteligência é indissociável da afetividade e é construída a partir da socialização. A socialização pode-se afirmar que é a participação e inserção

em diversificadas práticas sociais. As práticas sociais são adquiridas geralmente no âmbito familiar e escolar. Os familiares são os que iniciam o desenvolvimento afetivo dos filhos nos primeiros anos de vida. Van Der Veer & Valsiner (1996, p.386) destacam que Vygotsky “tentou mostrar que as crianças são determinadas, em última instância, por seu ambiente cultural e social”. Esta determinação em último momento será em seu ambiente cultural e social determinante em sua organização da afetividade. Tal desenvolvimento é de suma importância, pois alicerça o futuro afetivo da criança. A inteligência é indissociável da afetividade e são construídas a partir da socialização que ocorre com o meio em que vive. O carinho é importante, mas não é só isso, é apenas o início dessa jornada para que sejam alunos confiantes e realizados. Muitos problemas de ordem emocional têm afetado o desempenho dos alunos em sala de aula. As quedas consideráveis de rendimento são problemas que afetam pais e educadores, comprometendo o aprendizado e as relações estabelecidas no âmbito escolar. Pesquisas têm constatado queda nos níveis de competência emocional, ou seja, as crianças não estão sabendo lidar com as emoções, o que tem alterado, em índices altíssimos, o comportamento das crianças, tornando-os mais inseguros e vulneráveis, desencadeiam sintomas que interferem no seu desenvolvimento físico, psicossocial e educacional. Atualmente, tal realidade exige momentos de reflexão, troca de informações e parcerias. As dificuldades não desaparecerão de uma hora para outra, pois exige trabalho e boa vontade.

A família e a escola são complementares, mas muitos pais acreditam no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos despreparados, e com isso obtêm-se resultados desastrosos. Com esta permissividade dos pais, futuramente os filhos poderão interpretar isso como abandono, desamor e negligência.

A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como pessoa. Isto independente do nível sócio-econômico ela possui a capacidade de estabelecer vínculos afetivos, unindo-se nos sucessos e frustrações. Na família é o campo onde normalmente acontecem momentos de alegria, muito amor, mas é também onde surgem as discussões, desentendimentos e tristeza, que

são reparados através do entendimento e do diálogo.

A falta de uma estrutura familiar, tão comum na atualidade são assumidos por uma tarefa extremamente difícil, pois está lidando com conflitos. Através de experiências vividas com os cuidadores de emoção e que vão estruturar, de modo geral, as relações estabelecidas com a sociedade.

Muitos estão preocupados com a saúde física e deixam de lado a saúde psíquica, que consideramos de suma importância, que consideramos de suma importância. Através da saúde emocional que se proporciona o referencial de valor. A partir do momento em que o aluno passa a valorizar mais sua má conduta na sala do que seu aprendizado há uma desorganização da formação do sujeito. Se os responsáveis pelo meio em que o aluno vive demonstrarem agressão, a referência refletida será agressão. A formação da noção de modos de se portar em lugares diversos é imprescindível para um bom comportamento.

Contudo, a desestrutura familiar tem provocado rupturas neste processo, desencadeando uma avalanche de crianças despreparadas emocionalmente isso interfere no processo ensino-aprendizagem. Automaticamente as famílias transferem esta responsabilidade da educação emocional para a escola e vice e versa. Segundo Capellato (2013), “a escola constitui a instituição decisiva para a conquista das habilidades sociais, emocionais e profissionais.” A tendência a transferir a responsabilidade completa para a escola faz com que a família abandone seu foco, perdendo sua função. Em algumas instituições a preocupação tem sido: tecnologias, avaliações, gráficos de aproveitamento e têm se esquecido que trabalham com seres humanos com capacidades e limitações. Esquecem que são uma instituição complementar à família, na qual, formarão indivíduos que adquiriram conhecimento, mas, devido a pobreza afetiva, não sabem usar o que aprenderam. Confirmando Saltini (1997) em seu raciocínio, “as escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas.”

Devido a esta transferência de responsabilidade é necessário que os professores estejam preparados emocional e profissionalmente. O emocional

do professor é importante, pois quando há estabilidade dos sentimentos, de igual forma é transmitido aos alunos tornando-os mais confiantes.

Compreendendo que as interações que ocorrem no âmbito escolar também são marcadas pela afetividade. Pode-se afirmar que afetividade é um fator que determina relações interpessoais existentes na escola.

A afetividade consiste em receber da família e da escola o contato físico, verbal, a relação de cuidados, que implicará em conflitos, e no futuro um ser humano psicologicamente saudável.

Para se construir um ser humano psicologicamente saudável é necessária relação de afeto. O ato de cuidar tornará o outro importante. A missão de construir um ser humano é em grande parte do pai e professores, que, em trabalho conjunto, contribuirão para a formação de um ser equilibrado e psicologicamente saudável.

As crianças passam por estados emocionais que às vezes não estão preparadas para lidar com eles, interagirem no cotidiano com as relações conflituosas que as cercam as distanciando cada vez mais de seres autônomos. O despreparo para lidar com tais emoções impede que este aluno seja independente. Daí a necessidade de profissionais da educação que explorem “as potencialidades do coração”, e se disponibilizem para adentrarem em novas áreas do conhecimento.

O objetivo desta pesquisa foi demonstrar a importância do afeto na construção de toda e qualquer relação, estabelecendo as bases que o indivíduo necessita adquirir para um pleno desenvolvimento em sua estrutura psicossocial e cognitiva, favorecendo-o em todas as suas conquistas educativas e emocionais adquiridas ao longo de sua vida.

1 COMO DESENVOLVER A AFETIVIDADE EM SALA DE AULA

Para Vygotsky, a linguagem tem um espaço importante neste processo do desenvolvimento da afetividade, pois isso estimulará a criança a demonstrar seus sentimentos e conhecê-los para isso, o docente deve estar atento, pois a comunicação não se dá apenas através da fala, mas, do olhar, expressão facial e corporal. A postura do professor é um dos fatores que estimula a aprendizagem. Comunicando com o aluno, o professor estará compreendendo seus sentimentos, e evitará julgamentos precoces. É necessário conversar com o aluno olhando nos seus olhos, ouvindo-o não só através da voz, mas da fala do seu corpo, se colocando no nível do aluno. Ensinar que no lugar de gestos e atitudes desarvoradas como gritar, xingar, jogar-se no chão, bater os pés, fazer birra, ela pode falar. Sempre dizer o que quer para que o professor possa ajudá-la. É necessário auxiliar na construção de frases simples, que demonstrem exigência de direitos, respeito ao próximo, sem sobrecarregar o emocional. Vygotsky vem corroborar em nosso pensamento:

[...] o ser humano constitui-se como tal na sua relação com o outro social. O ser humano é membro de uma espécie biológica que só se desenvolve no interior de um grupo cultural sua noção de cérebro pressupõe um sistema aberto, de grande plasticidade. Sua estrutura e seu modo de funcionamento são construídos ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual e, nesse processo, a linguagem ocupa um espaço importante em que a cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade. (VYGOTSKY apud VAN DER VEER & VALSINER.,1996, p.37)

Ao ouvir o aluno, o professor estabelece uma relação de aproximação. A partir do momento em que a atenção é voltada para ele, a confiança é estabelecida. O professor sendo o mediador do processo ensino-aprendizagem, transmite

atitudes, comportamentos, posturas que constituem um conjunto único de ações que serão evidenciadas e valorizadas pelos educandos. Tendo isso possibilitará o início do processo de estruturação emocional:

Através de novos vínculos sociais, a criança passa a interagir com novos padrões de comportamento, conteúdos e valores sociais. Esse conhecimento de mundo ocorre real e mental. (WALLON apud ALMEIDA, 1997, p14)

Através desta socialização, inicia-se o processo de autonomia. Neste processo a criança passará a perceber que pode realizar ações independentes das dos adultos, provoca-se a argumentação do indivíduo através do “porque?”. Com a linguagem do brinquedo e outras atividades, as crianças desde a pré-escola, exercitam seus direitos e vão aprendendo a argumentar. Um dos caminhos para uma excelente oportunidade de trocas interindividuais é o jogo com regras, o docente ao usar técnicas para estimular o desejo, vinculado a emoções e sentimentos, poderá canalizá-las em prol da educação e à medida que a criança vai sendo capaz de participar, ela adquire a percepção dela mesma e do outro sendo fundamental para o desenvolvimento da autonomia. Autonomia pela qual, estabelece o comando de si mesmo, o autogovernar-se. A autonomia é definida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio. Conceber uma educação rumo à autonomia significa considerar os educandos como seres com vontade própria, capazes e competentes para construir conhecimentos que possibilitará interferir no meio em que vivem.

[...] a criança apropria-se dos bens culturais e, provavelmente, ingressa como elemento do meio social na medida em que domina os instrumentos de origem social, pois a linguagem e os diversos sistemas de símbolos possibilitam ultrapassar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta. (ALMEIDA, 1999, p. 57).

Na pré-escola as crianças se caracterizam pela descrição física e de suas

ações. Em torno de 6 a 8 anos, iniciam-se as características físicas e as psicológicas e o auto conceito vai sendo modificado.

A autoestima refere-se à avaliação e ao julgamento do conhecimento que tem de si próprio. Ainda não existe um consenso a respeito dessa capacidade.

Alguns defendem o aumento significativo das capacidades, durante a infância, conseqüentemente um aumento da autoestima, com o avanço da idade.

Enquanto que os outros acreditam que há uma diminuição devido ao aumento das exigências sociais.

A autoestima desenvolvida aos poucos pelas crianças através da confiança.

Com isso, resulta a necessidade do adulto confiar e acreditar na capacidade das crianças. A postura corporal transmite informações às crianças que possibilitará estabelecer vínculos com elas. A criação de situações educativas dentro dos limites impostos pela vivência em coletividade, propiciará o respeito dos hábitos, ritmos e preferências individuais. Da mesma forma, ouvir a criança e compreender o que ela está querendo comunicar, fortalece a sua autoconfiança.

A construção da identidade do indivíduo acontecerá de forma gradativa devido as diferenças que cada um possui. A aceitação em geral é positiva para todas as crianças.

O processo de construção da identidade e da autonomia depende tanto das interações socioculturais que viverá experiências essenciais associadas a fusão e diferenciação, construção de vínculos e expressão da sexualidade.

Ao lidar com a frustração ela necessitará de apoio e compreensão dos pais e professores. O adulto deve apoiar e controlar de forma flexível suas atitudes, porém segura.

Contudo, as opiniões convergem para as práticas educativas dos pais e da escola, pois são determinantes na autoestima das crianças. A família e a escola devem estabelecer limites, normas e respeito mútuo. Tudo isso contribui para a elevação da autoestima.

O auto-conceito é o conceito que se tem de si mesmo e a autoestima é o julgamento que se tem desse conceito. No decorrer do crescimento físico, as

relações são determinantes da auto-estima. A criança constrói uma imagem de si, ao ingressar na escola, através de suas socializações.

Os afetos nesta etapa vão adquirindo estabilidade e consistência. Com o passar do tempo, a coordenação dos pensamentos afetivos, em alguns aspectos são preservados e conservados.

Por volta dos sete ou oito anos, as crianças não apresentam senso de obrigação, mas de obediência. É preciso que o afeto dure além do momento e esteja ligado à autonomia.

O carinho é importante, mas não é só isso, é apenas o início dessa jornada para que se tornem pessoas confiantes e realizadas. Muitos docentes acreditam que este aperfeiçoamento da afetividade acontece apenas por contato físico. Partindo deste ponto, pode-se perceber que a falta de informações os impede com que saibam, inclusive, que pode ser desenvolvida através do elogio, a aceitação como ser humano, o reconhecimento do seu esforço, a motivação.

Outro item é a proximidade, o professor deve aproximar-se mais dos alunos. A receptividade, em recepcionar, atender e/ou ouvi-los tranquilizarão e criarão vínculos permeados de sentimentos de cumplicidade. Promover o senso de justiça dando-lhes obrigações e limites.

Levar a suportar e superar frustrações, isto é, fazê-lo enfrentar obstáculos que vão surgindo naturalmente.

Estimular a criatividade, não privando a espontaneidade da criança. É necessário atenção ao observar este indivíduo para que não seja confundida a criatividade com indisciplina. Alguns procedimentos que podem contribuir para esta evolução são o uso de modelagem, do desenho, da composição, da pintura livre, trabalhos extra classe.

O desenvolvimento da confiança em si e nos outros é também um aspecto decisivo para o desenvolvimento infantil, bem como sensibilizar-la para os valores, atitudes, idéias e formas de comportamento. O indivíduo precisa se expressar e controlar atitudes. O educador deve propiciar ao educando a medida de comportamento necessário e desejável para as diversas

circunstâncias do cotidiano para, alcançar independência emocional dos pais, professores e adultos. Levando a dialogar racionalmente expondo suas razões, tendo na força dos argumentos o espírito de cooperação das partes também propiciar práticas de tolerância, ou seja um esforço de compreensão da posição alheia, respeitando posições contrárias. Aproximar-se para que o educando compreenda que o docente se preocupa com ele, isso será refletido no seu comportamento. Ouvir o que a criança tem a dizer poderá formar pessoas mais seguras. Para que isso ocorra a criança tem que saber o momento certo de falar e, por fim, a valorização de cada aluno é essencial para seu desenvolvimento.

O processo de maturação emocional dos indivíduos evolui de acordo com o progresso da autoconsciência, lidando com sentimentos aflitivos, a fim de manter o otimismo e a perseverança apesar das frustrações. O envolvimento com o semelhante propicia a cooperação e ligação social ocasionando uma crescente valorização dos direitos individuais e das relações interdependentes. Segundo Goleman,

Devemos aprender a reconhecer, nomear, avaliar nossas emoções, para então nos capacitarmos a exercitar a nossa vontade soberana no desenvolvimento, controle e bom uso da nossa inteligência emocional. Quando conquistarmos esse domínio das nossas emoções, têm-se maior chance de encontrar novas formas de encaminhar o que queremos, celebrando a vida com amor e entusiasmo, administrando com competência e segurança, o cotidiano de um viver pleno e feliz. (GOLEMAN apud BOMTEMPO, 1997, p.7).

Com o domínio das emoções pode-se conquistar as metas estabelecidas. Tornar o aluno íntimo do que faz estará desenvolvendo a afeição, ternura e empatia em todas as suas realizações. Com todos estes sentimentos, o aluno poderá interessar espontaneamente por qualquer atividade. Pois há uma auto cobrança que também é importante que o professor observe no seu aluno seus progressos e o oriente para que possa dominarem o que lhe foi proposto.

Goleman apresenta algumas características que o ser humano tem necessidades a serem satisfeitas:

1- Alimentação: carece rito;/ 2- Afeto: precisamos nos permitir dar e receber afeto;/ 3- Reconhecimento – precisamos ser reconhecidos: pelo trabalho que realizamos; pela família; por nós próprios: auto-estima ;/ 4- Estruturação do tempo: estar presente no que realiza;/ 5- Estímulo dos sentidos: ouvir, sentir, tocar e ser tocado;/ 6- Sexo: esclarecimento e orientações;/ 7-Identidade: maior auto-estima, maior autocontrole, maior autocontrole, maior disposição para cooperar, mais empatia, mais aptidões de comunicação, tolerância a frustração;/ 8- Direito de respeitar;/ 9- Segurança: aprender a conviver com a insegurança inerente ao ser humano. Sentir-se seguro interiormente.

(GOLEMAN apud BOMTEMPO, 1997, p. 12 e 13)A permissividade de doar e receber afeto não vem pronta dos lares precisa ser desenvolvida com atividades direcionadas. O reconhecimento da família, professor e do indivíduo próprio faz-se necessário para a auto-estima. O estímulo dos sentidos será o auxílio para poder classificar os sentimentos. O esclarecimento e orientações sexuais permite com que o ser humano possa tornar-se esclarecido identificando padrões a serem seguidos. O conhecimento sobre si mesmo poderá disponibilizar autoestima, autocontrole, cooperativismo, empatia, comunicação e tolerância a frustrações. O respeito é a ferramenta que pode produzir um bom relacionamento. Aprender a conviver com a insegurança poderá possibilitar a segurança interior na dinâmica do cotidiano.

Algumas atividades que servirão de auxílio para que sejam utilizadas: relaxamento; poemas; fábulas; relatos de sonhos e fantasias; trabalhar a postura; a elegância no relacionamento; desenvolver a arte de ouvir; trabalhar os valores; criar situações ou atividades que promovam o abraço; listar qualidades; criar ritual agradável; exposição de trabalhos; coordenar pontos de vista diferentes; ouvir música; realizar trabalhos com parcerias; ajudá-lo a aprimorar suas produções com apagamentos, acréscimos, substituições e deslocamentos; trabalhar o toque (tocar e ser tocado); discutir problemas

sexuais comuns à faixa etária; escrita da autobiografia; construção de textos de fatos vividos, para que o indivíduo possase auto-expressar.

Segundo o RCNI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998), “a criança é um ser social que nasce com capacidades, afetivas, emocionais e cognitivas”. A capacidade de proximidade e interação dos pequenos às pessoas possibilita a compreensão do seu ambiente em que vive. Dentre tantos recursos utilizados pelas crianças destacam-se a imitação, o faz-de-conta, a oposição, a linguagem e a apropriação da imagem corporal.

2 O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA

Para Piaget, a inteligência é uma das formas que assumiu a adaptação do homem ao mundo exterior. Essa adaptação, como já foi abordado, se dá de forma progressiva e resulta da equilibração majorante de estruturas que vão se constituindo ao longo do desenvolvimento. Esse pode ser representado pela forma espiralar na qual uma estrutura é sempre base de uma outra que a sucederá, assim como foi a ampliação de uma estrutura que a antecedeu. Desde que o equilíbrio seja atingido num ponto, a estrutura é integrada num novo equilíbrio em formação, até chegar a um novo equilíbrio cada vez mais estável e aberto ao infinito. (PIAGET apud COUTINHO e MOREIRA, 2001,

p.88)

Os processos de equilíbrio e ações são resultados dos fatores: maturação, experiência, transmissão social e equilibração.

Maturação consiste no amadurecimento das estruturas biológicas através de interação com o meio. Tal interação consiste na adaptação inteligente do ser humano. Experiência pode-se dizer que a adquire através da manipulação de objetos, para extrair suas características e propriedades da relação do mesmo com outros objetos. Transmissão Social, quando o indivíduo se apropria das experiências histórico-culturais. De maneira que só será transmitida através da estrutura cognitiva presente, para então assimilar e acomodar tais estruturas. Equilibração são as trocas do indivíduo com o exterior, para Piaget este é fundamental, pois o indivíduo sai em busca do melhor equilíbrio.

Sendo assim, vemos que, para Piaget, o desenvolvimento acontece numa sequência de estágios, sendo que cada estágio comporta um nível de preparação e um nível de acabamento, denotando uma forma de organização da inteligência (das estruturas cognitivas) naquele momento.

Ainda de acordo com PIAGET (1970, p. 58), e com sua teoria de que a inteligência tem sua própria história de desenvolvimento, vemos que o mesmo concordou com Charles Darwin e James Watson em que o processo de desenvolvimento intelectual se inicia a partir das mais elementares adaptações de reflexos. A partir desse conjunto limitado de reflexos inatos, tais como o ato de sugar e de agarrar, desenvolvem-se durante a infância, programas básicos de ação inteligente, conhecidos como reações circulares, as quais finalmente dão origem à inteligência verbal e ao pensamento.

Para PIAGET (1970, p. 59), a inteligência se expressa originalmente como programas de ação. A ação organiza e estrutura a percepção e finalmente, empresta a estrutura para o pensamento e para a linguagem. Este mesmo autor tenta, de uma maneira bastante sofisticada, explicar tanto a continuidade – com um aparelho biológico inato – quanto à descontinuidade, na medida em

que a inteligência se desenvolve e adquire novas propriedades.

O processo evolutivo também liga as estruturas do nível sensório-motor inicial às do nível de operações concretas, passando, porém por um período pré-operatório, caracterizado pela assimilação sistemática à ação própria. A evolução afetiva e social da criança obedece às mesmas leis desse processo geral, visto que, estes aspectos são indissociáveis pois a afetividade constitui a energética das condutas cujas estruturas correspondem às funções cognitivas e, se a energética não explica a estruturação nem o inverso, nenhuma das duas poderia funcionar sem a outra.

A chegada da representação é tão importante para o desenvolvimento da afetividade e das relações sociais quanto o é para o das funções cognitivas.

Diante destas funções, o objeto afetivo está sempre presente e atuante, até em sua ausência física, e este fato é fundamental e acarreta a formação de novos afetos, sob a forma de simpatias ou antipatias duradouras, no que diz respeito a outrem, e de consciência ou valorização duradouras de si, no que diz respeito ao próprio eu. Esta fase é denominada como crise de oposição, pois a criança precisa se afirmar e mostrar independência em relação aos mais velhos. Mas essa descoberta e valorização do eu, leva a criança a opor-se a pessoa alheia.

Essa situação dialética domina toda a primeira infância e todo o seu comportamento social. Porém, este termo “social” pode corresponder a duas realidades bem distintas do ponto de vista afetivo: as relações entre a criança e o adulto que é fonte de sentimentos morais e as relações sociais entre as próprias crianças, que é processo contínuo e construtivo de socialização.

Para certos autores, assim como Wallon¹¹ (1974 apud PIAGET 1978, p. 100), a criança apresenta o máximo de interações sociais no curso da primeira infância e só depois conquista uma personalidade individualizada. Porém,

(...) existe um processo de socialização, progressivo e não regressivo, de tal sorte que, a despeito das aparências, a individualidade que tende à autonomia, na criança de 7 anos para cima, é mais socializada do que o eu interdependente da primeira infância e, apesar das aparências, essas

interdependências sociais iniciais de 2 a 7 anos revelam, em realidade, um mínimo de socialização porque insuficientemente estruturadas. (PIAGET, 1968, p.100-101).

Diante deste debate cumpre, portanto, entregar-se a uma análise relacional, e não conceitual, para distinguir os pontos de vista do sujeito e do observador, segundo um relativismo onde as conexões possam ser interpretadas como interdependências sociais e instrumentos insuficientes de socialização. Com os progressos de relação social e os progressos operatórios das crianças, esta chega a relações morais novas, fundadas no respeito mútuo e que conduzem a uma autonomia.

2.2 Biologia e inteligência

A analogia entre biologia e inteligência é desenvolvida por Piaget como recurso didático e metodológico para a compreensão da relação entre organismo e meio (biologia) por analogia sujeito e mundo/meio (Psicologia/Epistemologia). O organismo constrói formas de adaptação ao mundo, da mesma forma a inteligência possui a capacidade de construir novas formas de adaptação. O organismo adapta-se construindo materialmente formas novas para inseri-las nas do universo, ao passo que a inteligência prolonga tal criação construindo mentalmente estruturas suscetíveis de aplicarem às do meio (PIAGET, 1973). Além da analogia possível entre Biologia e Inteligência, existe a discussão sobre a relação entre a Biologia e a Inteligência. Do ponto de vista biológico, a inteligência aparece como uma das atividades do organismo. Na medida em que os conhecimentos elaborados pela inteligência realizam um equilíbrio privilegiado, esta planeja o próprio pensamento científico, incluindo o conhecimento biológico.

Portanto, a teoria psicológica da inteligência de Piaget promove um debate com

as teorias biológicas da adaptação, do ponto de vista da analogia e das relações entre os processos biológicos e psicológicos.

3 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

É necessário partir da concepção de que toda ação educativa se faz através de um processo dinâmico e, como tal, requer a sua construção. Neste processo, devem ser consideradas as relações entre aspectos afetivos e cognitivos, entre fenômenos científicos e cotidianos para que seja significativo na vida do educando e, conseqüentemente, para um psiquismo saudável.

A aprendizagem afetiva é aquela em que o aspecto afetivo-emocional participa mais ativamente no processo da aprendizagem, como que estados de aceitação, não-aceitação ou de expectativa com relação a algo, não deixando, no entanto, de haver participação cognitiva.

Freud (1973), afirma que a aquisição de conhecimento depende da relação do aluno com seus professores e seus colegas, numa referência à relação transferencial que faz com eles, enquanto representantes de seus pais e irmãos. Em suas palavras: "... é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres" (p. 286).

Outra consideração importante encontrada nos textos freudianos aponta para o papel da educação como auxiliar da sublimação sexual (já que seus argumentos afirmam que a curiosidade intelectual é derivada da curiosidade sexual). Quanto a essa última referência, devemos ter em mente que esse desvio pulsional necessário não deve ser excessivo e chegar a inibir o sujeito

do desejo, mas canalizar a energia sexual para outras atividades socialmente aceitas.

Kupfer (2001), admite que é possível conceber uma educação orientada pela psicanálise. Propõe, assim, a “educação terapêutica” como “conjunto de práticas interdisciplinares de tratamento, com especial ênfase nas práticas educacionais, que visa à retomada do desenvolvimento global da criança”.

Por sua vez, na psicogenética de Henry Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento (LA TAILLE, 1992). Para este pensador, a emoção ocupa o papel de mediadora.

O processo de desenvolvimento realiza-se nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem pautar-se pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu compreender que os aspectos afetivos presentes nas interações entre professor e aluno, no processo ensino aprendizagem, contribuem na aquisição do conhecimento à medida que as relações construídas conferem sentimentos de confiança e espontaneidade em ambas as partes.

A carga positiva afetiva dos vínculos construídos entre educador e educando sustenta o processo de aprendizagem à medida que possibilita a abertura mútua para as novas descobertas através da empatia, total confiança e sentimentos de amizade.

Ao longo da história, a educação baseou-se no controle e desenvolvimento cognitivo, isolando ou não dando tanta importância à questão do desenvolvimento afetivo.

A teoria construtivista defende a produção de conhecimento alicerçada sobre

bases sólidas que reúnem importantes fatores: a maturação física e neurológica e as experiências ricas e significativas com o mundo físico e social.

A afetividade manifestada num clima de acolhimento, ternura, empatia, gosto, desejo, inclinação e compreensão enriquecem as interações e trocas, facilitando a linguagem comunicativa entre os “sujeitos”, donos de ação e promovendo o desenvolvimento de suas potencialidades de forma integral. Desta forma, o estudo da afetividade, no contexto educacional, pretende compreender a relação professor-aluno, permeada pela participação ativa de ambos, envolvendo acordos e desacordos. Através dessa troca, a criança constrói sua visão de mundo, baseada nos sentimentos, valores e significados que apreende do meio e especificamente na escola.

Diante da discussão até aqui apresentada, fica clara a necessidade de construirmos um sistema educativo que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com a concepção dissociada, relegando os aspectos afetivos e emocionais a um segundo plano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. Emoção na sala de aula. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ALMEIDA, A. R. S. (1997) A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 13, n ° 2, p. 239-249,

mai/ago.

SALTINI, Cláudio J. P. Afetividade & inteligência. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

COUTINHO, M.T.C & MOREIRA, M. Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos do desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação: ênfase nas abordagens interacionistas do psiquismo humano. Edição revista e atualizada. Belo Horizonte: Editora Lê, 2001.

FREUD, Sigmund. Obras completas . Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

KUPFER, Maria Cristina. Educação para o futuro: psicanálise e educação. São Paulo: Escuta 2001.

LA TAILLE, Yves de et al. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, J. e INHELDER, B. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Difel, 1968.

PIAGET, J. Biologia e Conhecimento. Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973. 423p.

VAN DER VEER, R. VALSINER, J. Vygotsky: uma síntese. São Paulo: Loyola, 1996.

WALLON, H.P.H. L'évolution psychologique de l'enfant. A. Colin, Paris, 1941,

reed. 1974.